MARIO YPIRANGA MONTEIRO
MANOEL BASTOS LIRA
GENESINO BRAGA
EVALDO DE OLIVEIRA

DISCURSOS ACADÊMICOS

- 1979 -

Registrado protocolo nº 3030 (Folhas 23 verso) 5º caderno (896)

Ao Exm. Presidente
Mario Ypiranga Monteiro
com toda nossa admi
ração:
[illegible]
17/12/79

MARIO YPIRANGA MONTEIRO
MANOEL BASTOS LIRA
GENESINO BRAGA
EVALDO DE OLIVEIRA

DISCURSOS ACADÊMICOS

- 1979 -

D 611 Discursos acadêmicos, por Mário Ypiranga e outros. Manaus, Imprensa Oficial, 1979.

34p.

1. Academia Amazonense de Letras — Discursos, ensaios e conferências 1. Monteiro, Mário Ypiranga II. Lira, Manoel Bastos III. Braga, Genesino IV. Oliveira, Evaldo

CDD 869.0511

Pg.

A PALAVRA DO PRESIDENTE

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

A Academia Amazonense de Letras manifesta-se regosijada com a recepção do novel acadêmico Professor Doutor Manuel Bastos Lira, o qual, neste momento, sob cúpula, recebe as láureas da imortalidade simbólica, homenagem que prestamos às virtudes morais e intelectuais de um robusto saber que há mais de quarenta anos, com os pés fixos nesta sua amada terra, beneficia a cultura e distribui os benefícios do ensinamento teórico e prático.

Situado numa posição pendular, não se sabe o que mais admirar no homem que ilustra a cátedra na Universidade do Amazonas, dispensa conhecimentos e experiências científicas nos hospitais e congressos e pelos artigos de jornal transmite ao povo, em linguagem acessível, noções de astronomia, de higiene, de medicina, abordando com muita proficiência os mais variados assuntos. Esta imensa sabedoria que honra a cultura amazonense e nacional levou o professor Bastos Lira ao seleto convívio de várias instituições científicas do Brasil e do mundo, e logo mais, aqui mesmo lhe serão prestadas homenagens especiais por uma dessas instituições brasileiras, a Academia Nacional de Farmácia, de que é presidente o dr. Evaldo de Oliveira.

A Academia Amazonense de Letras não recusa admitir no seu meio aqueles que elegem a terra pelo nome e pela obra, e desde a sua fundação alguns expoentes da Ciência têm sido chamados ao nosso convívio, sem que haja qualquer manifesta discriminação entre Literatura e Letras, guardando-nos nós de criar impasses que afastaria sumidades já de si imortalizadas. O exemplo está aí, em Osvaldo Cruz ingressando na Academia Brasileira de Letras, tanto quanto Alberto Santos Dumont ou o sr. Getúlio Vargas. O que nos preocupa é o forte sentimento humanista que governa o pensamento e a obra dos eleitos. Em todas as Academias de Letras do Mundo

os cientistas estão ao lado dos beletristas porque a eles não falta o sentimento da beleza, o senso da estesia.

O professor Manuel Bastos Lira é dos poucos homens de laboratório que encontra também no laboratório do quotidiano os estímulos necessários à fuga às valências químicas, as fórmulas matemáticas, e nos seus bem lançados artigos de ciência sente-se o homem com a sua sentimental vibrando; sente-se aquela ambição de penetrar as coisas mais profundas; a curiosidade de saber tudo quanto diz respeito à Amazônia, à sociedade dos homens e dos animais inferiores, ao mistério dos astros, ao infinito inteligível das células, ao mundo vibrátil dos átomos, ao universo das paixões humanas. Uma verdadeira curiosidade inclinada para os mistérios material e teórico das coisas. Esse sentimento de profundidade vem dos bancos escolares, quando nos conhecemos, alí pela década dos trinta, ele estudante e professor do Colégio Dom Bosco e eu estudante do Ginásio Amazonense Pedro Segundo, mas ambos nós dois já escrevendo em jornais, ambos nós dois cursando as mesmas nem sempre fáceis estradas que o destino conduzia para onde? Aqui nos encontramos mais uma vez na vida, sem que nunca nos tivéssemos afastado da nossa cidade, am-ambicionando centros tentadores, colocações aliciantes. Ficamos na nossa terra como outros, consciente de que ela necessitava de nós, da nossa presença humana. O laboratório vasto da Amazônia nos chamava a explorações conscientes, e se falhamos alguma vez, devemos o fato à nossa pouca experiência juvenil. Hoje nos encontramos aqui sob cúpula, rendendo preito e homenagem à cultura, crentes de que nada se perde daquilo que se plantou no passado. Quando menos uma festa de congraçamento, uma festa de solidariedade, uma festa de reconhecimento do alto valor cultural do homenageado vale pelo muito que se perde no mundo em termos de desrespeito aos créditos morais, aos talentos científicos. Esse reconhecimento público e ostensivo a Academia Amazonense de Letras se reserva fazer neste instante, recebendo sob cúpula ao Professor Doutor Manuel Bastos Lira.

CONDE ERMANNO STRADELLI

Manoel Bastos Lira

Seguramente, vimos conduzidos até vós, muito mais pela benevolência de um grupo de amigos e, porque não dizê-lo francamente, de alguns entre aqueles que conosco começaram a analisar ou observar a Natureza circundante, fonte inexaurível de todas as nossas inventivas. E isto, porque, nossa função de perquisidor, de mirar, de sondar o arcano, esse indefinível encanto que são as coisas da Natureza (que nos enche e deleita por ser, enfim, a própria poesia), nos desnuda a linguagem, retirando, dela os enlevos que, certamente, estais acostumados a ouvir neste templo magnífico. Certos estamos, porém, que as nossas descrições da harmonia e do ritmo universal, tão poesia quanto a dos floreios e a das rimas, muito embora, por isto, caiam no silêncio quase criptográfico das teses com que nós procuramos escalpelar o traço de incontentabilidade que é, para uns, a característica mais certa que nos distingue entre a animalidade co-irmã.

O que escrevemos, nossos escritos, são como a nota pura dos diapasões, ou como a radiação que em nós causa a sensação chamada das cores primárias. Desprovidos uns da sequência harmonial (que é o timbre) e outros dos matizes (as nuances), podem não traduzir uma imorredoura página musical ou a inapagável imagem tintorial: afinal nem mesmo um "capricho" pictorial à moda moderna. Ninguém poderá afastá-los, porém, da força de invenção ou da esquisita sensibilidade que o escutar da Natureza impõe. Sim, a Natureza, a grande mestra do que é cíclico, porque não dizer mesmo, do ritmo.

Não estamos pois, aqui, diante de vós, sem u'a meditação séria sobre isto. E, refletiamos profundamente, como dissemos, quando lemos um artigo de Luigi M. Persone cujo título era "Galileu letterato". Esforçava-se o articulista italiano, em demonstrar a possibilidade de o sábio de Pisa poder ocupar, um capítulo, na história da literatura italiana e, neste afã, se

interroga a si próprio: quando uma página de qualquer assunto assume tom literário ou condição artística?

Persone se auto-responde e nos diz que isto ocorre quando, nessa página, vibra um sentimento ou se exprime u'a comoção. É a velha conceituação da angústia humana que já fez a Goethe clamar: "Licht, mehr Licht", e de quem o unamunismo contemporâneo se faz escudeiro.

É, ainda Persone (ibid) que se rebustecendo nos menciona que um dos seus mestres, para explicar fatos semelhantes, dizia: "um chimico o um framacista, mente manipola la sua materia, avverte lo scôpo al quale è destinata, che se traduce in salvezza per um sofferente o per um moribondo, in tal caso il chimico o il farmacista, preso della comozzione, vive, in qual momento, uno stato d'animo di un artista. Egli repiteva — e un artista intento all espressione di capolovoro e questo capolovoro si identifica con la gioia che da a un individuo o una familia".

Valha-nos este alento.

Não nos lembramos a que propósito — porque dista do ocorrido bastante tempo — eminente amigo, por sinal um dos soberanos do passado nesta Casa, nos fez chegar às mãos o "Grosse Manner" (Grandes vultos), do erudito Ostwald (Wilhem Friederich).

Lendo-o, entre muitos dos seus interessantes assuntos, deparamos com uma classificação dos que se dedicam aos estudos científicos. Divide-os Ostwald em dois grupos: os clássicos e os românticos.

Apesar da sua ancianidade, para muitos, a classificação é, contudo, além de sistemática, intuitiva; e deste modo não discutiremos a sua clareza. Buscamos mais apoio, estímulo, sei lá...

Teríamos ficado por aqui, se um de nossos contemporâneos, Alberto Szent-Gyorgy (von Nagyrapolt) não trouxesse uma formulação dada por Platt (John R.) que reputa, pelo menos, mais espiritual, cognominando de "Apolônios" uns e de "Dionisios" outros isto porque a interpretação de Platt, sem dúvida, reflete duas atitudes ou dois estados de espírito que não são comuns à arte, nisto se encaixando a poesia, a pintura, a escultura, a música, a dança e outros aspectos da vida tão contemplativos como estes: a ciência, por exemplo. Uns, "Apolônios", devem evoluir emoldurando uma perfeição de linhas, enquanto os outros, os "Dionísios" muito mais intuitivos, podem sempre abrir novos e inesperados horizontes para a pesquisa que é o grande dítame da Ciência. Não é sem valor que o octogenário biólogo americano mencionado, se confirmando

nos diz: "The Basic Texture of Research Consists of Dreams into Which the threads of reasoning, mesurements and calculations are woven".

Enfim, o "Dionísio" será, em todo o tempo, incapaz de explicar o que fez para algo achar, porém, calmamente saberá explanar a sua descoberta. Vê-se pois que apesar disto é um sonhador perfeito.

Por tudo isso nós propriamente nos consideramos um "dionisiano". Fizemos vários projetos, alguns deles guindados, é verdade, a posição de pesquisas positivas, mas, voltamos a confessar-vos, seriamos incapazes agora de atinar com alguma coisa que nos tornasse merecedores de tão grande distinção como a de virmos pertencer à vossa ilustre companhia. Para um "Dionísio", como nos julgamos, salva-nos o acreditar que isto se trate de mais um novo horizonte...

Com todo este apoio significativo sentimos todavia que nos parece fraca a nossa exteriorização naquela força de invenção, esquisita sensibilidade, originalidade surpreendente, indefinido encanto com que os seguidores de Ambrósio de Calépio, acostumam tentar definir poetas e prosadores, os maiores sonhadores de todas as épocas. Esses exornatos talvez não se coadunem com os minguados do recipiendário. Perdoai-nos, Senhores Acadêmicos, pois nesta hesitação naturalmente, surde-nos ainda assim, à memória a atitude de apavoramento do herói cervantino Sancho Panza, com as coisas que ele mal podia conceber ou perceber quando de sua posse no governo de Baratária. E, tanto isto é verdade, no domínio sensorial, que o grande "Manco de Lepanto" para contá-las preludiou-se assim: "A ti digo, o sol, con cuya ayuda el hombre engendra el hombre; a ti digo, que me favorezças y alumbres la escuridad de mi ingenio, para que pueda discurrir por sus puntos en la narración del gobierno del gran Sancho Panza, que sin ti yo me siento tíbio, desmazalado y confuso".

Meus amigos: estamos, agora, dessa maneira. Daí o apoiarmo-nos naquela frase que encontramos em Maeztu ("Don Quijote. Don Juan y la Celestina): "la veracidad es deber inexcusable". Somos e não ousamos negá-lo um postulante do auxílio da luz, desta auréola que vos engloba neste augusto templo.

Surgiu-nos, no entanto, um novo esteio, um novo entusiasmo quando verificamos que, sob a opinião de muitos, o literato se situa muito mais dentro da filosofia do que propriamente no terreno da literatura. Tal nos faz desandar o tempo, e vemos que aristotelicamente houve necessidade dos físicos para que brotasse a filoscfia e se desencadeasse a explicação da

natureza através de causas e princípios: havia surgido a investigação científica ou seja uma nova forma de exaltar a emoção humana. E, mais uma vez "lucreciamente" vibramos ao voltar a ouvir: "nenhuma coisa násce do nada — não o pode fazer a divina essência — ainda que o medo refreie a todos os mortais e, deste modo, se inclinem a acreditar como produzidas pelos deuses — muitas coisas do céu e da terra — por não poder atinar com sua causa — e, assim, quando tivermos provado que "Ex nihil, nihilum possi reverti" — convencidos ficaremos da origem que cada coisa tem".

Não vale, pois, que para Montale o autor de "Satura" a poesia seja tão somente uma "piroetta del pensiero su se stesso". Daí que cada um possa imaginá-la, usufruí-la, e até negá-la. Dest'arte é o próprio Eugenio Montale que se extravasa e nos diz: "poesia non existe, como non existe o non resiste altra cosa cui se voglia dare importanza in questo mundo impoetico". Por que impoético este mundo?

Mas, abandonemos o desacoroçoador "montaliano" para com agrado ouvir a seguir a animação com que o vate gaulês Pierre Emmanuel dá a resposta necessária. E, assim, à pergunta "La poesie est-elle un art moribond?" diz-nos: "as expressões poéticas não são simples revestimentos aplicados a objetos, mas, uma participação no ato criador a agir sempre no Universo". Para retornarmos ao sentido deste ato, acrescenta o poeta, "é porém, necessário que se destrua a muralha que separa o subjetivo do objetivo". Isto, Senhores Acadêmicos, é o objetivo da Ciência.

Alguém escreveu, faz tempo, porém, ainda em oportunidade: "E o homem, que apenas acabava de emergir da irresponsabilidade e da bruteza dos instintos para a consciência e para o entendimento que é o mesmo que dizer: — para os suarentos e as amarguras desesperantes —, o homem quedou-se em extase encantado da infinita beleza da noite constelada, surpreendido da inefável magia do luar puríssimo, assombrado da majestosa imponência do Sol".

Desde este instante o homem manejou com desembaraço o seu espírito, fê-lo piruetar a fim de, finalmente, fazê-lo aflorar seu subjetivo e registrando-o e dimensionando-se no Universo — como diz Teilhard de Chardin (Pierre) — dar nascimento à sua expressão literária.

Luz, mais Luz!, foram as últimas palavras de Goethe (Johan Wolfgang von), o soberbo poeta da representação viva da agonia humana diante da essencia das coisas, enfim, um deslumbrado da "majestosa imponencia do Sol".

Mas, por que falamos insistentemente da Luz?

"Há, com efeito, nos mais esconsos áditos da alma humana, uma idéia, um instinto — que sei eu! — que a impele a essa eterna adoração da Luz".

Que, estranha força é essa que dissocia um feixe de Luz branca nessa harmoniosa gama colorida que vai do vermelho ao violeta?... Ninguém sabe. Apenas sabem todos que os corpos realmente não têm cor; que essa magnífica distribuição orquestral das cores por todos os corpos da Natureza é ilusória, é um mero efeito da Luz. É a luz que debuxa todos os caprichosos contornos e todos os bizarros matizes da paisagem e é ela que irisa a campina verdejante, espalhando por sobre a relva macia a carícia musical das corolas".

Este trecho feliz e empolgante de Adriano Jorge traduz, com sua presciência rara, o significado verdadeiro dessa fonte interminável da motivação de todas as sublimidades humanas.

Alguém já escreveu que hoje, vivendo Goethe, misto de poeta e de homem de ciência, não teria escrito o seu célebre livro "Teoria das Cores", isto porque teria visto que as sensações coloridas estão, como todas as outras, dentro de nós; são uma propriedade nossa. As cores em si não existem a menos que surja um observador que as perceba e as traduza através do seu complicado mecanismo de processamento de dados. É o que ocorre quando aflora nosso subjetivo, na pintura, na concepção dos majestosos coros do Tannhauser, quando expressamos, em verso ou prosa, o colorido da Natureza, quando investigamos diretamente em seus meandros e, afinal quando manifestamos tudo quanto delicia à percepção.

É consequentemente na consciência do homem que surge "essa estranha força que dissocia a Luz branca nessa harmoniosa gama colorida", "animi motus" de todo o sentimentalismo humano, no magnífico dizer de Adriano Jorge. E, hoje, certamente, debaixo do impulso "guetiano" a análise teria superado, com resultados pasmosos, a intensidade de suas concepções no destrinçar as questões dos sentimentos, pois cremos que o impulso que se transforma, no homem superior, em verdadeira agonia sobre o que diz respeito ao infinito não pode brotar de simples entretimento. Nasce sim, do anseio inefável da alma, uma das metamorfoses do nosso instinto de conservação. Por isso, Goethe criou um Jorge Sabélico, o seu doutor Fausto, o remoçado e seu fiel intérprete, para não dizer seu herói imortal.

Senhores Acadêmicos,

Deixamos bem claro, linhas acima, que a nossa premissa é a Luz. Na Antiguidade, os gregos (entre eles certamente, o

grande Hipocrates de Cós), sabiam demais o que significava, para os vivos, a radiação que nos ilumina. Por isso em lugar de dizer morrer, para os que cumpriam o ponto final do seu ciclo biológico, preferiam, proferir a expressão "perdeu a luz".

Mas, não devemos, tampouco podemos negar que hoje, nesta noite, nós sentimos um remoçado à Goethe. Um fascinado de tanta Luz que fulge de todos vós neste grande sodalício da cultura amazonense.

Cedei-nos e, estamos certos o fareis, nem que seja, uma réstia deste vosso resplendor que é Vida. É que para nós, sois, os frutos sazonados da cultura de nossa terra. E a Luz que irradiais, aquela centelha que vos pedimos, não nos permitirá perder, não nos permitirá o esquecimento, o nosso alijamento do convívio augusto das letras e da ciência que reponta aqui. É a perpetuação nossa e, porque não utilizar a voz dos nossos avitos do Lacio (a voz da Ciência por excelência) que, em ocasiões como esta, diziam: "gloriam imortalem consequi, adipisci".

Senhores Acadêmicos,

Não podemos deixar de mencionar mais uma satisfação inesperada que nos proporcionastes hoje: a de sermos recebidos por um irmão em várias ocasiões e um dos luminares desta Academia. Referimo-nos a GENESINO BRAGA com quem convivemos na Imprensa, em atividades sociais, por isto mantendo amizade franca e profícua que inequivocamente agora, mais se estreitará.

Senhores Acadêmicos,

Bem quizeramos nós poder à moda de Beethoven (Ludwig Van) também lançar mão da "Ode an die Freud" (Ode à alegria) do grande poeta Schiller (Joahann Christoph Friedrich von) e contagiarmo-nos todos com a alegria que nos invade a alma nesta ocasião e exclamar: "Freud! Freud! Freud! alegria, bela centelha divina", vínde até nós.

Senhores Acadêmicos:

Eis-nos pois, entre vós.

COMO CONHECEMOS STRADELLI

Desaparecidos, faz tempo, do nosso convívio, Borsa Antonio, Frignani Gilberto, Boggio Humberto, Ghislandi Pedro, etc., talvez sejamos nós, um dos únicos supérstites do encon-

tro, casual aliás, em que, por vez primeira, conhecemos Ermanno Stradelli.

Ocupavam os Salesianos, em nossa Manaus, na época recém-chegados, uma construção palaciana, originalmente, sede do bispado. Uma das saletas frontais, ocupada pela direção do novel Colégio, era um recinto emparedado a madeira e mobiliado com um desses conjuntos austríacos, em verniz negro e palhinha nova, reluzente, comuns nesta Manaus ainda resplandescente dos períodos áureos da goma elástica. No centro um "bureau" onde, diariamente, se podia encontrar o diretor: Pedro Ghislandi.

Aluno dos primeiros momentos da feliz empreitada dos filhos de João Bosco, sempre que possível (aos recreios), por ali perambulávamos, à cata de ver uma coleção de lepidópteros (que prazerosos ajudamos Ghislandi a montá-la).

Em uma dessas ocasiões deparamos com pessoa sentada no sofá, isolado, embora mantivesse conversa ativa com outros que supomos seus acompanhantes. Alguns deles reconhecemos, porque eram amigos de nossa casa. Entre estes Frignani e Borsa. Posteriormente (já morto Stradelli) soubemos de quem se tratava.

Não vimos, todavia, o homem descrito pelo seu único e esplendoroso biógrafo, Câmara Cascudo, ou seja, "um vivo, arrebatado, impulsivo, alacremente comunicativo, tampouco, o maravilhoso fazedor de cardápios dos seus primeiros momentos na taba manauara, que levara Julio Nogueira a compará-lo com Vatel; o dispenseiro do príncipe de Condé, cujos pratos de peixes foram célebres e indispensáveis nos festins do seu senhor a ponto de impressionarem Maria de Rabutin, marqueza de Chantal, que o descreveu e que ocorre nas letras francesas sob o nome de Mme. de Sevigné.

Pasmados, vimos, sim, um homem que somente poderíamos descrevê-lo tempos depois, como agora acontece, vencido pela enfermidade, de barbicha alva e rala, com o "facies leoninus" característico da bacilose a minar-lhe a pele, transfigurando-lhe, por completo, a fisionomia. Hoje, nós o avaliamos por tudo isso um gigante dentro de sua agonia, de sua luta, vivendo-a porém, sem extravasá-la, aceitando-a como um heróico gladiador o faz contra a própria existência. Hoje, aquele ambiente referido, tão autenticamente religioso, afigura-se-nos mesmo semelhante ao daquela cela do Carmelo guindada a um "Castelo d'Alma" pela espanhola Tereza de Ahumeda que, na monástica, se tornou a Santa Doutora Tereza de Jesus. Pela sua expressão ali, Stradelli parecia querer transudar-nos algo como o fez a Carmelita e, assim, a quebra de sua costumeira

jovialidade, o seu aspecto por demais sombrio (que agora relembramos) nada mais seriam senão a mesma invocação da Santa Doutora ou seja o seu: "Muero, porque no muero", embora sequer fosse por ele crispada.

Não morreste Stradelli. Glorificas hoje, a cadeira n.º 34 desta Casa, sede da Imortalidade Intelectual. Muito tempo depois do encontro relatado, um daqueles que citamos como testigo, nos revelou que Stradelli era, realmente, naquele então, um resignado que procurava sempre não contristar os amigos e conterrâneos, até mesmo, naquele angustioso momento de sua visita a Ghislandi quando soube da impossibilidade de retornar a sua Borgótaro.

Pré-adolescente ainda, longe estávamos de pensar que um dia tivéssemos que fazer o debuxo pragmático de tamanho labor científico-literário como o que realizou nosso patrono, Ermanno Stradelli.

Mas, aqui estamos para oferecê-lo e, porque não afirmarmos mesmo que embora nos orgulhemos com isto, não ignoramos que se trata de trabalho que excede em muito a nossa capacidade. Quiseramos nos poder dilatà-lo até rendêlo como devera e exigem nosso homenageado e o ambiente deste templo do saber.

A OBRA DE STRADELLI

Artur Reis denotou o Conde Stradelli como "soldado do Vale". Preferimos chamar-lhe de "rapsodo", de um verdadeiro "amazônida" como Alvaro Maia o entendia, mais propriamente, um "demopsicólogo" fixando os traços heróicos que caracterizavam as atitudes dos nosos nativos, dos nossos índios, que transpôs para nós, escrevendo-os. É esta a noção mais marcante que pudemos haurir dos seus "Vocabulários" como em seguida veremos.

Ermanno Stradelli tornou-se Conde por morte do seu pai, norma usual nas várias classes da nobreza. Quando isto ocorreu, Stradelli estudava direito cujo curso interrompeu. Com mais de uma vintena de anos vividos deu-nos "Una gita a Rocco d'Olgisio", um livro de poesias e, no ano seguinte, em 1877, um outro intitulado "Tempo Sciupato". Como se vê, pelo título deste último, Stradelli parecia já inclinado a não perder mais tempo em poetificar. Brotou-lhe, no espírito, a idéia de fazerse explorador. Câmara Cascudo refere que a sua leitura predileta foi a "narrativa de viagem que lhe evoca a luta, o mistério, à valentia física, o assombro das matas virgens, dos desertos silenciosos, dos índios estranhos, animais fabulosos". Fora de

dúvida portanto, que Stradelli deve ter lido, entre outros, o livro do seu conterrâneo veneziano, outro "nobilis vir", Marco Polo e as narrativas dos espanhóis que andaram à cata de El-Dorado na região que posteriormente visitou. Tampouco poderia ignorar "As caminhadas heróicas pela África, de Matteucci, de Antinori, de Campério", fatos contemporâneos. Veio então até nós. De todas as suas viagens fez crônicas, remetidas à sua casa e ao "Bolletino della Societá Geográfica Italiana".

De volta a sua terra natal concluiu seu curso jurídico obtendo a láurea em Direito. De nada valeram, a Stradelli, os pedidos familiares para que ficasse, de vez, por lá. Havia, pelo que se percebe desta sua quase obstinação, uma atração maior que o empurrava para as terras americanas. Em Piacenza, diocese a que pertencia sua Borgótaro, o Conde voltou a escrever "senza sciuparsi" (pelo menos para nós). Deste tempo são as suas publicações: Eiara, leggenda tupi-guarani — In versi — e uma versão, para o italiano, da obra do Barão de Araguaia "La Confederazione dei Tamoi".

Daí que procurasse "algo de nuevo" como diz o seu biógrafo.

Stradelli planejou a volta e o fez. Partindo da França, dirigiu-se à vizinha Venezuela. Era um expedicionário da Reale Societá Geográfica Italiana e seu escopo era chegar às nascentes do rio, primeiramente visitado pelos espanhóis Diego de Ordaz, Alonso de Ojeda e Dias de La Fuente, ou seja o Orenoco. Em vão esperou encontrar o marquês Augusto Serra que seria seu companheiro de aventuras. Este não apereceu. Já em terras amazônicas surgiram: Ajuricaba, Duas Lendas Amazônicas e Pitiapo.

Naturalizado cidadão brasileiro passa a integrar a magistratura estadual e foi nomeado Promotor Público em Manaus, em Lábrea e finalmente em Tefé. Agora, aí, instalado numa pequena casa, no alto de um morro, sempre maravilhado pelo famoso Amazonas, é um isolado a sua feição, entre livros, desenhos, mapas e rascunhos. É colaborador constante da "Revista de Direito" como antes o fora do "Boletino della Societá Geográfica Italiana". Que terá escrito ali Stradelli sobre o seu Amazonas?

Seu "artis opus", seu "capolavoro" é seu Vocabulário que o escreveu em duas versões: uma Nheengatu-português e outra Nheengatu-italiano. Uma delas, a versão portuguesa, foi divulgada, após sua morte, pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A outra, das linguas indígena e italiana, ficara com Stradelli. Esta, nos veio às mãos, para que a esterilizássemos. Chefiávamos então cs Laboratórios da Saúde

Pública. Horrorizados ficaram, seus portadores, quando nos viram tomar o manuscrito com as mãos desprotegidas e folheá-lo. Encorajados assim o levaram...

Não resta dúvida que Stradelli se revelou um perfeito plasmador. Nada de aumentos, nada de visagens. Nada de edenismos ou internismos como quer Mário Ypiranga. Todas as vozes indígenas registradas foram, por si, estudadas, não só quanto sua aplicação na língua indígena, também, com relação às superstições porventura existentes e Mitos em que se envolviam. Por tudo isto, nos achamos que Ermanno Stradelli é realmente, além de "Soldado do Vale", o seu demopsicólogo.

Muita coisa certamente não nos chegou às mãos porque, atemorizados, nos últimos dias de sua pervicaz doença, que inclementemente atingíra em cheio sua fisionomia, transformando-a absurdamente, todos dele se afastaram. Sua casinhola, após terem-no demitido do cargo público e transferido para um depósito humano que se chamou de Umirisal, fora incendiada como se fazia, em períodos medievais, com os pestilentos. Mário Ypiranga refere que, em Tefé, se falava como da lavra do Conde, em "Cucui", uma tragédia musicada e um poema "A revolução de Lamalonga".

Dissemos algures que este "Soldado do Vale" valia mais como 'rapsodo" e "demopsicólogo". Como comenta seu biógrafo, o "Signor Conte" "não caça, não pesca, não corta lenha, não rema, não desenha, não faz observações, mas, registra tudo quanto vê". Coleta sim, verbetes e procura ligá-los às intenções dos nativos. Através disto é que temos conhecimento da vida atroz dos selvícolas perseguidos pelo "homem racional" ou seja, pelo branco. Insurge-se contra isto. E como afirma ainda seu biógrafo: "sua jornada pouco adianta geograficamente. O valor é literário, evocador descritivo, amoroso das terras e da vida que o absorveu para sempre. Seu cuidado é não perder o material humano que se chamaria folk-lore".

A tragédia musicada sobre a figura do morubixada Cucuí vale pela sua faceta de 'rapsodo". As suas interpretações sobre as leis de Jurupari tão zelosamente guardadas pelo tariano Buopé (símbolo da moral indígena), os registros que existem, na sua obra máxima, o seu "Vocabulário", indicam sobremodo, a sutil interpretação dada por Stradelli à afloração do espírito do nativo enquanto os outros visitadores das nossas malocas os referem como meras coisas lendárias, senão como distrações humanas.

As itacoatiaras que o tuixaua Kuenomo, se avantajando

referiu-as como escrita dos seus antepassados foi defendida soberbamente pelo Conde.

Em um trecho do seu trabalho, seu biógrafo, o eminente Luís da Câmara Cascudo, provocou-nos, sim, porque seu repto é dirigido a todos nós estudiosos. Diz ali: "Stradelli, há quarenta anos, levou Buopé aos olhos dos estudiosos italianos. E quando o velho enamorado dos Tárias merecerá a justiça, tardia e suprema, de seus irmãos do Brasil?".

Cinquenta e três anos após sua morte que ocorreu aqui, em Manaus, vivifica-se sua existência que nos legou incomparável patrimônio moral e intelectual. Hoje, dizemos, o Amazonas resgata esta dívida quando inaugura a cadeira n.º 34 de sua Academia, a qual o tem por Patrono.

SAUDAÇÃO A MANOEL BASTOS LIRA

GENESINO BRAGA

Senhor Acadêmico Manoel Bastos Lira:

Chegais a esta Casa com a vida inteiramente realizada — na ordem particular, na ordem pública, na ordem científica e na ordem literária.

Em vosso lar, ouvís a mais doce música, com que Deus dá ao homem uma idéia do canto dos anjos. Isto dizendo, queremos referir-nos à jovial algazarra e ao sonoroso alarido dos vossos netos. Na ordem pública, alcançastes a culminação da vossa experiência de Professor e de mestre didata, nas investiduras do Titular de cátedra e do Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade do Amazonas. Na ordem científica, tivestes os méritos justamente consagrados com a aprovação de vossas teses por Congressos de cientistas renomados e com a vossa agraciação com a Medalha da Ordem do Mérito Farmacêutico, conferida pela Associação Brasileira de Farmácia, e com a Medalha de Honra ao Mérito, outorgada pelo Conselho Federal de Farmácia. E na ordem literária, completa-se, agora, com esta cerimônia acadêmica, o ciclo da gloriosa ascenção a que vos elevastes pelos degraus de vossas letras, através dos livros e artigos que publicastes, na harmonia de uma existência exemplar, que bem se ajusta àquele ideal de vida perfeita sonhada por Marco Aurélio e em que a vontade da Natureza se converte em nossa própria vontade.

Cremos ter sido o mordacíssimo Rivarol — com aquele modo seu de segredar coisas irreverentes, porém assustadoramente verdadeiras — quem afirmara que os homens aqui em baixo, não podendo receber suficientes provisões que lhes garantam legítima imortalidade, não passam de simples viajantes, cuja viagem termina onde termina a estrada...

Nem sempre, bem o sabemos, assim se cumprem os fados. Por vezes, no caminho percorrido fica a recordação de

alguns passos, fica o eco de palavras ouvidas, resta a lembrança dos sofrimentos, perduram algumas alegrias.

Conhecemo-nos desde a juventude, Senhor Acadêmico Manoel Bastos Lira, e, conhecendo-vos desde a juventude, sobram-nos razões para não suspeitar ter sido a fria vaidade quem vos moveu ambicionar as glórias acadêmicas. Foi por serdes vós quem sois que a Academia houve de mister buscar-vos para terdes assento entre os Quarenta que comungam a hóstia do Saber, à mesa desta nossa inconcussa confraria.

A vosa tranquila escolha — melhor diremos: a vossa escolha unânime — para primeiro ocupante da Cadeira que tem por Patrono o nome do sábio-martir do Amazonas — Ermanno Stradelli — reaviva-nos a verdade 'shakespeareana'' que Machado de Assis colocara no começo de um de seus contos e segundo a qual Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na tera do que sonha a nossa filosofia.

Para ocupar a cadeira sob a glória de um sábio que se integrara à Amazônia pelo amor à Ciência, é que estáveis realmente destinado, Senhor Manoel Bastos Lira, com os vossos lauréis de perfeito cultor da Ciência e de perfeito homem do amor à Ciência, que há de ser, nesta Casa, o companheiro perfeito, na linha de tradição deixada por Mestre Perícles Moraes e que vem sendo mantida — só Deus sabe a que preço! — por uns poucos de seus últimos seguidores.

Vindes aqui viver em ambiente propício, porque dedicado "ao culto do idioma e da literatura nacional", tal como o prescrevem os nossos Estatutos. Mas, permiti-nos uma advertência: Se aqui não encontrardes — como queria Tácito — um lugar entre os homem virtuosos, vivereis, no entanto, entre homens de boa-vontade, que trabalham por um ideal constante, desde que, há 61 anos, fora esta Casa fundada. Podemos repetir-vos que tereis aqui, em fraterna companhia, tarefas que vos reclamarão os primores do ofício das letras, e nisso tereis o estímulo das glórias que laurearam esta Casa, — esta Casa que acaba de vos ouvir da tribuna que foi de Adriano Jorge, de Araújo Filho, de João Leda, de Waldemar Pedrosa de Benjamin de Lima, de Araújo Lima, de Péricles Moraes.

A Academia, embora já sexagenária, é ainda uma irresistível sedutora. Louvam-na, enamorados, conhecidos menestréis. E não são poucos os que se candidatam a viver em seu regaço imortal. E é isso, talvez o que lhe faz florir a vaidade, incentivando-lhe as atividades propulsoras das letras e da cultura em nossa terra. Sua já longa existência de trabalho é a prova de que só se atinge os encantos de uma maturidade respeitável e respeitada pelo árduo e constante esforço de todas

as horas, pelo sofrimento que fertiliza e ampara as boas intenções, pela solidariedade que equilibra as divergências, pelo consolo, pela alegria do dever cumprido.

Das Academias, sejam embora a nossa mais alta expressão do Poder intelectual, é já tradicional falar-se mal, — no Amazonas, em todo o Brasil, no mundo inteiro, onde quer que frondeje uma árvore dos vergéis de Academus. Escrevera, certa vez, o Acadêmico Josué Montello, luminar da Academia Brasileira de Letras: "Há uma idade para falar mal da Academia, há uma outra para cortejá-la. A Academia sabe disso. E é essa a razão porque, desde a sua origem, nunca respondeu aos desaforos que lhe mandam". E, na Academia Francesa, é sempre lembrado este velho epigrama do poeta satirista Aleixo Piron (1689-1773): "Quand nous sommes quarente on se moque de nous. / Somme nous trente et neuf?, on est à nous genoux".

Foi na Bahia, com a fundação, em 1724, da Academia dos Esquecidos, que o espírito acadêmico pousou as suas asas do pensamento árcade no solo brasileiro. Seria, então, velho cerca de um século em Portugal, onde desde a primeira metade século XVII ter-se-ia instalado em Lisboa a Academia dos Aplicados.

Não está ainda bem esclarecido — (ou talvez o excesso e a diversidade dos esclarecimentos mantenham turva a cristalina água da verdade) — a razão dos nomes que, desde os arcádicos romanos, vieram adotando os Acadêmicos para os seus sodalícios. Tomando o nome de Academia dos Esquecidos para a que fundavam na Bahia, nada mais fizeram os primeiros Acadêmicos brasileiros (na verdade, a maioria era de portugueses) que seguir o figurino das lisboetas, assim denominadas: Academia dos Aplicados, Academia dos Generosos, Academia dos Singulares. E a si próprio atribuíram os nossos primeiros "imortais" apelidos estranhos: "Acadêmico Obsequioso" era o Padre Gonçalo Soares da França; "Acadêmico Nubiloso" intitulava-se a si próprio o Desembargador Caetano Brito de Figueiredo. João de Brito Lima — coitado dele! — era o "Acadêmico Infeliz". Sabido logo se mostrara Luís de Siqueira da Gama: para que não o incomodassem mandando-c escrever, produzir, tomara logo a antonomásia de "Acadêmico Ocupado". Homem do trabalho e que certamente levava a coisa a sério, era Inácio Barbosa Machado, que viria a escrever e publicar, em 1745, os "Fastos Políticos e Militares da Antiga e Nova Lusitânia": cognominou-se "Acadêmico Laborioso". E o grande, talvez o maior de todos, Sebastião da Rocha Pita, que iria fazer para sempre lembrada a Academia dos Esqueci-

dos, com a sua monumental "História da América Portuguesa", deixava-se alcunhar, modestamente, "Acadêmico Vago".

Depois da Academia dos Esquecidos, outras Academias se lhe seguiram as águas, obedientes ao modelo lisboeta das denominações: assim a Academia dos Felizes, em 1736, e a Academia dos Seletos, em 1752, no Rio de Janeiro. E assim também a Academia dos Renascidos, em 1759, na Bahia, esta revivendo a pioneira Academia dos Esquecidos, tendo à frente de suas atividades literárias a figura remanescente do grande pregador franciscano brasileiro Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, que se agigantaria, em 1761, dando a lume aquele monumento do nosso passado que o é a obra "Orbe Seráfico Novo Brasílico".

Ainda a propósito dos primórdios das Academias, aprendemos com um dos expoentes, que o fora, da Academia de Ciências de Lisboa, o saudoso mestre Hernani Cidade, nas suas eruditas "Lições de Cultura e Literatura Portuguesa" (v. II pp 60 e s.), que, na Itália, pelos nomes que as Academias tomavam, se vê claramente "o pouco caso que neste particular eles (os Acadêmicos) faziam de seus estudos; porque a Academia de Bolonha se fazia chamar "Academia dos Ociosos"; as de Roma, "Academia dos Humoristas" e "Academia dos Fantasiosos"; a de Ancona, "Academia dos Caliginosos"; a de Milão, "Academia dos Escondidos"; a de Cesena, "Academia dos Ofuscados"; a de Gênova, "Academia dos Adormecidos"; a de Bréscia, "Academia dos Ocultos"; a de Fabiano, "Academia dos Desavindos"; a de Perusa, "Academia dos Insensatos". E concluía, então, o luminar da historiografia literária de Portugal, indagando: "De gente, pois, que ou é ou quer ser tida por ociosa, fantástica, caliginosa, adormecida, ofuscada, desavinda, insensata, — que pode o mundo esperar, senão inutilidades, fantastiquices, escuridades, sonolências, desavenças e insânias?...

Deveis já estar percebendo, — Acadêmico Manoel Bastos Lira — que andamos até agora como a fugir a um encontro direto com a vossa obra, com a vossa produção da literatura científica. Se pela extensão e profundidade, não nos assusta encará-la, pelo respeito que a ela devotamos, receamos não poder comentá-la e louvá-la na escala merecida.

Os vossos temas nós os tocamos em oitavas diferentes e não raro vos encontramos em tais virtuosidades que nos é mais deleitante deixar-vos no palco com vossos instrumentos requintados para apenas aplaudir-vos como ouvinte respeitoso.

Um pensamento de Machado de Assis fixou-nos a lição de que "nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os mo-

dernos: com os haveres de uns e de outros é que se enriquece o pecúlio comum".

A respeito de vossa obra, esta idéia do gênio criador de Capitu agora nos ocorre; e nós próprios, ao percorrê-la e senti-la em seu conjunto, tantas coisas novas e belas recolhemos ao nosso velho acervo, que, à sombra do vosso harmonioso espírito científico, encontramos, a cada passo, um banco para conversarmos, para dizerdes vós da tranquila segurança com que bordejais pelo mar da Ciência que adotastes, e para nos deliciarmos ao ouví-lo, como uma pousada de repouso na cansativa excursão por labirinto de idéias a exigir, para nós, o fio condutor de Ariadne.

A leitura do conjunto de qualquer obra de real valor, como a vosa, é das que impressionam, não só pelo volume ou pela extensão, mas pela substância e a firmeza das afirmações, pela aceitação e defesa de princípios científicos ou filosóficos, ou pelo espírito polêmico que domina todo o pensamento que se opõe a outro pensamento.

Os livros que publicastes — Senhor Manuel Bastos Lira — têm um só sentido, uma só direção, animados por pensamento uniforme. São asserções escrupulosas de superior conclusão científica, tratadas com o bom dizer literário e excelente ornato de acurada prosa. Vêm eles com a marca de Montaigne: Livros de boa fé! E deixam a impressão de que deles fostes o severo crítico, obediente à máxima de Camilo: "a crítica que principia por nós é a melhor crítica".

Desde 1938, quando estreastes com o livro sob este título modesto "Algumas notas sobre a Valência Química" publicastes nada menos de 14 trabalhos. "Sobre a Terapêutica da Coqueluche pelo óleo essencial de Niaouli", "Os Hipossulfitos de cálcio e magnésio na anafilaxia", "Aspectos bromatológicos do Guaraná", "O Leite em Manaus", "Trabalho sobre Alimentação e Fome", "Sobre o Valor dos alimentos aborígenes da Amazônia", "Protidemia em amostra populacional de Codajás", "Bromatologia das farinhas de mandioca produzidas no Amazonas", "Eritrocitrometria Difratométrica na região amazônica", "Determinação da Protidemia pelos ácidos Fálgicos" e "Monografia sobre o Guaraná", — estes são os documentos que a vossa formação científica ofereceu, como obra por todos os títulos meritória, à divulgação científica da Amazônia.

Obras eminentemente de pesquisas e estudos da Ciência, não se diga, contudo, que não há nelas, na aridez dos temas versados, o que nelas, em verdade, não se esperaria encontrar: a evasão humanística do cientista, ou seja, a inclinação do espírito científico estabelecendo uma outra linha de concor-

dância no ambiente social e político. Predestinado para os ofícios da Ciência, neles encontrastes — Senhor MANOEL BASTOS LIRA — razões para comprender a vida e interpretar-lhes os mistérios. Encontrastes, enfim, no pensamento filosófico, a sistematização dos conhecimentos científicos coordenadores dos demais estudos históricos e sociais e base para o estabelecimento de uma moral científica.

Ouvi. Minhas Senhoras e meus Senhores, este trecho inicial do livro "Algumas notas sobre a Valência Química" — trecho de meridiana luminosidade clássica, em que um humanista da Renascença se nos transparece no pensamento de MANOEL BASTOS LIRA:

"Foi através de John Dalton (1802-1808) que penetrou na ciência química a então "abstração atômica da matéria". A questão já havia rolado por séculos, migrando das escolas filosóficas indús, até que a casualidade a impelira, graças a um percursor de Marco Polo, surgindo assim para a Grecia e para o resto do mundo. Esta união inicial, que acabamos de sentir, da Ciência à Filosofia, decorreu, sem dúvida alguma, da nossa visão imperfeita do mundo, que não reflete o apuro de sua forma, mas dentro dela, tão somente uma condição, a percepção pelos nossos órgãos sensoriais, dotada da imensa variabilidade subjetiva que eles possuem. É dos pitagóricos, com ALCMAEON, que nos chegam em primeira mão estes gritos de angústia e anseio que mais tarde ecoariam dentro da sublime poesia de Jorge Sabelico, o FAUSTO, o velho remoçado de GOETHE. E assim, examinando todos os trabalhos daquela plêiade formidável de pensadores helenos, verificamos que à semelhança do caleidoscópio, as suas obras em cada página volteada, qual torsão do tubo maravilhoso de BREWSTER, apresentam-nos o conceito de matéria, as idéias atuais sobre sua estrutura e formação, e indicam-nos a degradação a afinidade química, o relativismo hodierno. E deste conhecimento exato da realidade que se descobre em Parménides — constituinte do "substractum" dos eleáticos de Zenon, os criadores do "nada", chegamos a Aristóteles, o gerador do 'éter" circular, hoje irmanado ao universo poli-dimensional de Einstein e colaboradores, para volvermos séculos atrás e acharmos a escola "vesequica" com KANADA, que, na longínqua India, já admitia a divisibilidade da matéria e a indestrutibilidade e eternidade de suas partículas menores, trazendo-nos ao mesmo tempo a idéia dos átomos e das suas combinações. Tudo isto, ao que parece, formou a fonte dadivosa onde DEMÓCRITO DE ABDERA abeberou o seu e o nosso atomismo".

Numerosos — Senhor MANOEL BASTOS LIRA — foram os cursos que ministrastes, as conferências que proferistes, e contam-se às dezenas de milhares as aulas que professastes. O ensino das Ciências Físicas e Naturais, da Química, da Microbiologia, da Higiene e da Puericultura vos credita serviços inestimáveis, — e inestimáveis porque trazem os timbres da sapiência e da dedicação que lhes devotastes, desde os tempos da mocidade. Os laboratórios públicos e particulares de Análises Clínicas, de Bromatologia, bem assim os Gabinetes de Física e Química e de História Natural, ganharam de sobejo em eficiência didática sob a vossa Preparadoria. A Universidade do Amazonas tem em vós, desde a fundação, uma das suas colunas mais vigorosas, quer nas cátedras, quer na organização e execução dos planos administrativos, quer, ainda, na direção de uma das suas mais importantes unidades de ensino. Os mais conspícuos Congressos, Simpósios, Conferências, Jornadas, Encontros, nacionais e internacionais, de Farmácia, de Bromatologia, de Bioquímica, de Ensino Farmacêutico, de Farmácia Hospitalar, de Controle de Medicamentos, de Intoxicações, de Análises Clínicas, de Toxicologia Tropical, receberam, não só a vossa decidida participação, mas também o concurso da vossa experiência profissional e do vosso saber de mestre, e muitas dessas assembléias vos elegeram Membro de Honra e uma das primeiras figuras de suas mesas diretoras. Sois membro da Comissão do Ensino Farmacêutico do Conselho Federal de Farmácia; sois Presidente do Conselho Regional de Farmácia — 22; sois membro da "American Association for The Advencement of Science"; sois membro da "The American Association of Clinical Chemistry". Fostes galardoado com a Ordem do Mérito Farmacêutico, conferido pela Associação Brasileira de Farmacêuticos, e com a Medalha de Honra ao Mérito, outorgado pelo Conselho Federal de Farmácia. A Professora Pourchet, um grande nome da Ciência, dedicada a estudos sobre a Bromatologia, em seu livro intitulado "A Ciência dos Alimentos", colocou o vosso nome ao lado do de Josué de Castro, de Moura Campos, de Dutra de Oliveira e de E. Pechnick, como "os que abriram novos rumos, no Brasil, para a ciência da alimentação, com os seus trabalhos numerosos e constantes".

Senhor MANOEL BASTOS LIRA:

Os 14 livros e trabalhos que publicastes, mesmo tendo em conta a densidade científica que todos contém, não respondem, em quantidade, como opulento resultado de mais de quarenta anos de uma operosidade contínua. Tendes cabedal de sobra

para enfileirar nas estantes meia centena de outros estudos, no plano de vossa formação científico-cultural.

Não vos acusamos de exercer um controle demasiado severo de vossa produção livresca. Podemos acusá-lo, sim, de não trazer ao registro civil, que é o livro, a valiosa centena de vossos artigos de jornal.

Tendes, assim, um compromisso a assumir com esta Casa: trazer do jornal para o livro, na unidade de uma vida consagrada ao gosto das letras e das idéias, o vasto cabedal disperso, que a vossa modéstia converteu na luz por baixo do alqueire, como na parábola das Escrituras, mas que a Academia agora reclama, para o esplendor de suas novas glórias.

Acabais de pronunciar um discurso no clássico modelo acadêmico.

A sobriedade da linguagem, maleável instrumento da expressão, ganhou realce na sonoridade da voz serena e firme. Manejais o vernáculo como artista penetrante, que houvesse aprendido com François Pillon (1830-1914) que "a estética não poderá ser uma ciência objetiva, uma ciência autônoma, mas um ramo, um grande e nobre ramo da Psicologia".

Vosso discurso honra as tradições da tribuna acadêmica. Ermano Stradelli — o sábio-mártir do Amazonas, patrono da cadeira acadêmica em que vos sentais —, continuaria ignorado não fossem o trabalho devido ao sacerdócio pesquisador de Luís da Câmara Cascudo e o vigoroso retrato que dele acabais de fazer.

Ermano Stradelli, vós o evocastes autêntico, perfeito, assim na exaltação de sua obra admirável, assim na lembrança da pessoa que conhecestes, sexagenária, já, deformada pela terrível doença que a colhera em nossas plagas, ao fim dos 43 anos que vivera a ir e vir pelos caminhos amazônicos, e que a levara, afinal, a uma pobre cova de indigente no cemitério de hansenianos do Umirizal, — ele, que nascera em berço de ouro, ele de estirpe fidalga da velha nobreza de origem lombarda, ele o Conde de Stradelli. Senhor do Castelo de Borgotaro ("Vimos" — dissestes em vosso discurso de posse, — "um homem vencido pela enfermidade, de barbicha alva e rala, com o "facies leoninus" característico da bacilose a minar-lhe a pele, transfigurando-lhe por completo a fisionomia").

Apreciando-lhe a obra amazônica — a do pesquisador e a do construtor dos "Vocabulários", bem assim a do etnólogo reconstituidor de lendas e mitos, — preferistes chamá-lo "Rapsodo". Seria, talvez, onde gostaria de chegar Luís da Câmara Cascudo quando assim o "explicava" no preâmbulo da sua laboriosa biografia do nosso imortal Stradelli: "Stradelli" — es-

creve Câmara Cascudo — "não é explorador nem comerciante. É um enamorado. Não é geógrafo, um naturalista, um botânico, um classificador paciente, minucioso, disciplinado. É um arrebatado, um seduzido, um viajante aprendiz, querendo tudo ver, compreender e amar. (...) Era crédulo, simples, instantâneo no amor e na cólera. Dos setenta e quatro anos de existência, deu quarenta e três ao Amazonas. (...) Chegou moço, robusto, alegre, rico. Morreu morfético, paupérimo, no improvisado leprosário do Umirizal".

Dizeis bem, Senhor Acadêmico MANOEL BASTOS LIRA, quando preferis chamá-lo "Rapsodo". Aquele que palmilhou milhas ínvias do Amazonas, recolhendo as falas e as lendas indígenas e as ordenou e lexicografou e as tornou em matéria de poesia, contando-as em versos; aquele que se encantou no Rio Negro com as narrativas do heroísmo índio e da ternura da meiga e doce Pitiapo; aquele que cantou os feitos e as glórias de Ajuricaba nas estrofes viris de um poema — era, sim, "Rapsodo".

Senhor Acadêmico MANOEL BASTOS LIRA:

Estais a viver, nesta noite, uma hora de consagração. Acompanha-vos, bem de perto, uma luz que irradia do doce coração a que há 38 anos unistes o vosso coração para a jornada de compreensão, harmonia e felicidade, que o destino, generoso, vos traçou, — esse coração admirável da mulher que, desde então, tem sido a vossa Estrela Companheira pelas vias-lácteas da vida, nas horas boas ou nas horas inditosas, nos dias de borrasca ou de céu nubloso, zelosa, atenta e desvelada: D. ÁUREA DE VASCONCELOS LIRA, vossa esposa estremecida, cuja presença honra esta solenidade e enobrece a Academia. Estimuladora e animadora de vossas atividades intelectuais, responsável, assim, por parte considerável de vossos triunfos na vida profissional ou nas lidas culturais e científicas, à vossa ilustre dama rende a ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS as suas homenagens.

Senhor Acadêmico MANOEL BASTOS LIRA:

Há certas estradas que as não podemos percorrer por inteiro, pois os encantos da Natureza tanto nos levam à contemplação que retardam os nossos passos.

Não chegaríamos ao fim desta missão de vos trazer as

boas-vindas da Academia, tantas são as fascinações, a cada passo, nesta caminhada ao vosso encontro.

Encontrando-vcs, apertemo-nos as mãos fraternas, em silêncio.

Em silêncio, sim!, para que melhor se ouçam, nos rebôos que os ventos do Amazonas hão de levar para todos os rumos, os aplausos desta vossa consagração.

MENSAGEM DA ACADEMIA NACIONAL DE FARMÁCIA

EVALDO DE OLIVEIRA

Senhor Acadêmico Manoel Bastos Lira.

"Duas grandezas neste instante cruzam-se! Duas realezas hoje aqui se abraçam!"

Cantou o poeta.

"É santo o laço em que hoje se estreitam".

Esponsal de espírito e sentimento, arte e ciência, letras e tecnologia.

Suntuosa unção: Academia Amazonense de Letras e Academia Nacional de Farmácia. Unidas nos altiplanos de ideais em comunhão de propósitos na homenagem ao homem, que por eleição de saber, tem o privilégio de ver selecionado seus méritos, em áreas da sapiência humana. Cantados foram predicados nas letras e ungidos agora, cabe louvar os atributos do profissional que, dentro da Profissão recebe a dádiva do reconhecimento tendo o lugar devido entre os maiores da Farmácia.

A Academia Nacional de Farmácia, num impulso carinhoso, transferiu-se para Manaus, e juntamente com a digna Diretoria do CFF, sob a presidência do Dr. Marcio Antonio de Fonseca e Silva reconstruiu na amizade, fora do Rio, o Academus para a solenidade de Manoel Bastos Lira.

As Academias, instituições clássicas geradas em tempos distantes, reunindo homens sábios, desdobraram-se em dias decorridos no tempo para, no momento, situarem na tradição o dinamismo de uma evolução de conquistas e dignidades que revitalizam ideal e anseios do culto das prerrogativas da especialização e aperfeiçoamento das habilitações de prestação de serviços na comunidade.

Fixaram alhures a emoção que "Quem passa pela vida em brancas nuvens e em plácido repouso permaneceu, não foi homem, foi espectro de homem, não viveu".

Assim as Academias amealham os óbulos daqueles que

vivem realmente nas várias épocas, constituindo etapas de ciências. São tesouros que vão guardando e constituindo a riqueza da Farmácia.

E assim podemos ter história, elaborar uma ética, um patrimônio, uma distinção e poder ver uma Profissão que sai do silêncio para ter a presença no momento.

"As Academias não foram criadas — disse Peregrino Junior — para representar uma ordem estabelecida de valores coagulados. O papel é principalmente o de difundir e defender as aquisições da ciência e do pensamento" do seu tempo. Na tradição da Farmácia, nas conquistas tecnológicas e científicas manda para frente, em prol de alvissareiro porvir, realizando ascenção, com benefícios para a humanidade, dentro do desenvolvimento, visando o bem da Profissão e da Pátria.

Os homens, na passagem pelos caminhos terrenos, marcam seus dias com os valores que somam e deixam pegadas da existência. Amanhã, restam como lembranças, retalhos, como o amor, as contribuições do saber e as participações do próximo, na formação de alguem que imprima parte de sua colaboração para a profissão e para a sociedade.

Formais por pesquisas e estudos em várias legiões gloriosas. De um lado, com a linhagem dos bandeirantes, revelando gemas preciosas, ao desfilar nas bandeiras, desvendando mistérios e lendas, vindo do silêncio do laboratório, provando que o homem que habita os trópicos, não é diferente na grei que Lilia Bandeira de Melo, Couto e Silva, e outros, postulavam a saúde do homem. Provastes também que o clima quente não induz a etiologia da anemia, derrubando conceitos depreciatistas. De outros lançastes a semente que eu cultivei e desenvolvi, da nova especialidade do farmacêutico que é a Farmácia Clinica, dando ao profissional a verdadeira e útil assistência ao medicamento, assegurando a terapêutica oportuna e isenta de perigos.

Ainda no labutar constante estareis presente na liça da salvaguarda dos ilustres profissionais no âmbito do exercício, protegendo o trabalho do farmacêutico, aliás aos títulos profissionais e científicos.

No mundo atual, onde conflitos de mutações sociais e políticas, com os conhecimentos tecnológicos, altamente científicos sofisticados chegam a assustar, pelas imprevisíveis consequências, jogando com a inteligência contra os princípios naturais, modificando o ambiente, criando um meio que não mais está sendo compatível com a vida humana, somente uma reformulação dos possíveis benefícios possa restabelecer o equilíbrio vital e harmonizar o ecossistema dando às ciências o

sentido normal na relação homem/ambiente, numa civilização de desenvolvimento plenamente útil.

Os medicamentos, os saneantes, os cosméticos, os aditivos alimentares, materiais que os farmacêuticos manipulam devem, nas cogitações habituais, ser enquadrados no contexto normal de saúde, nos princípios estatuidos pela OMS.

Manoel Bastos Lira, farmacêutico, professor de Farmácia, Vice-Diretor da Faculdade de Ciências da Saúde, Presidente do Conselho Regional de Farmácia, da Ordem do Mérito Farmacêutico, entendido em análises, conhecer de tropicalismo bioquímico e médico, atento estudioso do ambiente, com quantiosos elementos grandiloquentes, e personalidade de homem afável e amigo, esposo exemplar, que resulta na medida do homem anatômico e fisiologicamente perfeito em sintonia com o homem social e homem familiar.

A Academia Nacional de Farmácia há muito o desejava para figurar como um dos seus pares e assim eleito há anos atrás, somente agora, oficialmente pode receber-vos. E, ocasião mais feliz não poderia assinalar que não fosse a presente: dia do natalício e no aprazado instante que a Academia Amazonense de Letras vós consagra. Junta pois nas alvíssaras o título de Membro Honorário da Academia Nacional de Farmácia. Imponho pois as insígnias acadêmicas de Galeno e outorgo o diploma respectivo sagrando-o como mais um dos distintos entre os distintos, ilustre dos ilustres, honrando os honrados para a glória da Farmácia Nacional.

Prezamos ufanos e esperançosos o lema que norteia nossas aspirações e confiança conforme a inscrição em nosso emblema: "Só a Farmácia Científica sobreviverá". Para tanto, nobres como vós têm a responsabilidade de manter a chama flamejante que acalenta aqueles que têm o compromisso de zelar pelo engrandecimento ético e científico da profissão.

"A ciência enche e doura a vida, a virtude alegra a morte e lá se vai continuar onde nada finda", conforme Castilho.

Na verdade dos fenômenos, a Farmácia cresce pelo trabalho dos farmacêuticos. E o novo membro honorário perfila ao lado dos grandes na preservação e engrandecimento da Farmácia. A Academia vós agradece e parabeniza e exulta com vosso ingresso. Estais no vosso lugar, por direito e por méritos. Sois benvindo. Sois acadêmico na Farmácia.

Recebeis o direito, por méritos, a imortalidade no Panteon da Farmácia.

Estais na história, glorificai os desígnios impressos em Hipócrates e Panacéia.

Seguireis a luminosidade do dever cumprido e da materialização dos "jus jurandi" que traçou na vida'

A Academia Nacional de Farmácia sente-se honrada nesta hora e rejubilada com vosso ingresso festeja a acolhida.

EVALDO DE OLIVEIRA

Presidente da Academia Nacional de Farmácia.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura